

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA COORDENAÇÃO DO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

WILLIAN RODRIGO CARVALHO

“ÀS VEZES ME IMAGINO A REBECA ANDRADE”: a perspectiva de estudantes do ensino fundamental acerca do conteúdo ginástica

SÃO LUÍS- MA
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho, Willian Rodrigo.

"Às vezes me imagino a Rebeca Andrade" : a perspectiva de estudantes do ensino fundamental acerca do conteúdo ginástica / Willian Rodrigo Carvalho. - 2025.

37 f.

Orientador(a): Mayrhon José Abrantes Farias.

Curso de Educação Física - Licenciatura, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ma, 2025.

1. Ginástica Escolar. 2. Educação Física. 3. Ensino Fundamental. 4. Desenhos Infantis. I. Abrantes Farias, Mayrhon José. II. Título.

WILLIAN RODRIGO CARVALHO

**“ÀS VEZES ME IMAGINO A REBECA ANDRADE”: a perspectiva de
estudantes do ensino fundamental acerca do conteúdo ginástica**

Aprovado em: / / 2025

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mayrhom José Abrantes Farias
(Orientador)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana
(Examinador)

Prof. Me. Antônio Higor Gusmão dos Santos
(Examinador)

WILLIAN RODRIGO CARVALHO

“ÀS VEZES ME IMAGINO A REBECA ANDRADE”: A perspectiva de estudantes do ensino fundamental acerca do conteúdo ginástica

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão para fim da obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientação: Profº Dr. Mayrhon José Abrantes Farias

SÃO LUÍS- MA
2025

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	14
2.1 Geral	14
2.2 Específicos	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 Delineamentos históricos da Ginástica	14
3.2 Apontamentos da Ginástica no Brasil	16
3.3 Sobre a Ginástica no Contexto Escolar	17
4. METODOLOGIA	20
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
Quadro 1 – Distribuição dos desenhos por categorias temáticas e ano escolar	24
5.1 Ginástica no contexto olímpico	24
5.2 Ginástica e o movimento livre	26
5.3 Ginástica e outras unidades temáticas da Educação Física	28
5.4 Ginástica de condicionamento físico	30
5.5 Outros (aleatórios ou não relacionados diretamente à ginástica)	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente àqueles que foram minha motivação, minha força, meu guia e meu alicerce até aqui, Deus e minha família. Sem eles seria impossível concluir esse ciclo tão importante na minha vida e de todos aqueles que sonharam esse momento junto à mim. Sou grato a Deus pela oportunidade de poder concluir o curso de Licenciatura em Educação Física por uma instituição tão grandiosa como a Universidade Federal do Maranhão

Às minhas mães e amores da minha vida Ana de Fátima e Irlanda Rodrigues por ter-me dado todo amor, suporte e serem minhas maiores incentivadoras para que eu pudesse persistir nos meus estudos, ao meu filho Théo Willian por ser minha maior motivação e a razão para eu não desistir apesar dos percalços. Aos meus primos/irmãos Wenderson, Wellma, Wellington, Luane, David, Darielle, Ana Rafaelli por serem tão presentes nessa etapa tão importante e em toda minha vida.

À minha companheira de vida Ana Lia, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos dessa caminhada, me apoiando e me dando força em todos os âmbitos da minha vida, além de ter me dado a maior benção da vida, nosso Théo.

Aos meus saudosos Roberval Carvalho e Máxima Pinto (avós maternos), meu pai Antomar e meu irmão João Victor que seguem vivos em meu coração e sei que estariam muito felizes com mais essa realização. Sou grato pela vida dos meus avós paternos Antônio e José de Ribamar, bem como meus tios e primos maternos e paternos que sempre me tiveram com muito amor.

Agradeço também aos meus grandes incentivadores do curso, meu orientador Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias, pelos conselhos, pela sua ajuda, parceria e ainda mais pela paciência, suas contribuições em minha vida acadêmica, principalmente nessa reta final de Estágios e Trabalho de Conclusão de curso foram fundamentais para que eu pudesse obter êxito, tornando-se uma das grandes referências que levarei para minha docente, assim como o Prof. Dr. Alex Fabiano que

foi figura presente em toda minha trajetória formativa sempre cobrando mais de mim como discente, bem à sua forma bem humorada.

Aos meus companheiros de turma Tyrannos e das turmas Arcadia, Crista AX e Gladiadores onde fui acolhido com muito carinho, aos companheiros de Seleções da UFMA de Futebol e Beach Soccer onde fiz grandes amigos e pude evoluir muito como pessoa. Aos amigos que a UFMA me deu William Leonardo, Cleyson Hasten, Tayron, Rebeca Sousa, Thianne, Ronald Santos, Paula Taciara, Carlos Eduardo, Filipe Alves, Lucas Mateus, Werberth, aos porteiros do núcleo de esportes seu Rosa e Adriano, dentre tantos outros colegas que tornaram mais leve essa etapa que para muitos é tão exaustiva. Sou imensamente grato.

Meus amigos Bruno, Emerson, Brendon, Phillipe, Rayan, Luis Paulo, Caio, Gerson Neto, Felipe Lira, Marcos Felipe, Danrley, Léo, José Carlos que estiveram juntos comigo em vários momentos importantes da minha trajetória desde a infância, assim como minha tia Jocélia e minhas primas Joyce, Wynn timer e Yanne. Deixo aqui meu muito obrigado.

Deixo meus agradecimentos às escolas CRIAMOR, em especial aos diretor Washington Luís por sempre me abrir as portas, e COLUN, em especial ao professor Pablo Linhares por todo suporte no período em que por lá estive, a escola Benedito Leite onde fui aluno e posteriormente pude retornar como estagiário e fui muito bem recebido pelo professor Itaporã Magalhães.

Enfim, sou imensamente grato à todas pessoas que mesmo aqui não citadas contribuíram de alguma forma para que eu pudesse concluir essa jornada acadêmica na Universidade do Maranhão tornando-me graduado em Educação Física.

Vocês fazem parte da minha história!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as representações de ginástica de escolares do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental, por meio da produção de desenhos temáticos, buscando compreender suas percepções, concepções e experiências a respeito da prática deste conteúdo no contexto escolar. A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, foi realizada em uma escola comunitária do bairro Anjo da Guarda, na Região do Itaqui-Bacanga, em São Luís do Maranhão, no contexto do Estágio Curricular Supervisionado do curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão. Participaram do estudo, 35 estudantes, entre 10 e 13 anos, da referida escola, que foram convidados a desenhar a partir da questão “O que é ginástica para mim?”, e a compartilhar também suas interpretações sobre as produções. Os desenhos foram analisados a partir da triangulação entre os sentidos expressos pelos sujeitos, o referencial teórico e o olhar do pesquisador. Com base nas características observadas, os desenhos foram agrupados em cinco categorias principais: a) ginástica no contexto olímpico; b) ginástica e o movimento livre; c) ginástica associada a outras unidades temáticas da Educação Física; d) ginástica de condicionamento físico; e) outros. Os resultados revelam compreensões múltiplas sobre o conteúdo, variando entre representações midiáticas, influência do imaginário olímpico, bem como vivências escolares e não escolares ligadas ao movimento em momentos de lazer. A pesquisa reafirma a importância de escutar e valorizar as produções culturais dos(as) estudantes como forma de qualificar o ensino da ginástica e ampliar suas possibilidades pedagógicas no contexto escolar.

Palavras-chave: Ginástica escolar; Educação Física; Ensino Fundamental; Desenhos infantis;

ABSTRACT

This study aims to analyze the representations of gymnastics among 5th and 6th grade elementary school students, based on the production of thematic drawings and their corresponding narratives. The research, qualitative and exploratory in nature, was conducted at a community school in the Anjo da Guarda neighborhood, located in the Itaqui-Bacanga region of São Luís, Maranhão, as part of the Supervised Internship of the Physical Education degree program at the Federal University of Maranhão. A total of 35 students, aged between 10 and 13 years, participated in the study. They were invited to draw in response to the question "What is gymnastics to me?" and to share their interpretations of the drawings. The drawings were analyzed through triangulation among the meanings expressed by the participants, the theoretical framework, and the perspective of the researcher. Based on observed characteristics, the drawings were grouped into five main categories: a) gymnastics in the Olympic context; b) gymnastics and free movement; c) gymnastics associated with other thematic units of Physical Education; d) fitness-oriented gymnastics; and e) others. The results reveal multiple understandings of the topic, ranging from media-influenced representations and Olympic imagery to school and non-school experiences related to movement and leisure. The study reinforces the importance of listening to and valuing students' cultural productions as a means to enhance the teaching of gymnastics and expand its pedagogical possibilities in the school context.

Keywords: School gymnastics; Physical Education; Elementary School; Children's drawings; Representations.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Desenho de Luffy, 10 anos de idade, tema: “O que é ginástica para mim?” p. 20
- Figura 2** – Desenho de Rebeca, 11 anos de idade, tema: “O que é ginástica para mim?” p. 21
- Figura 3** – Desenho de Gisseli, 10 anos de idade, tema: “O que é ginástica para mim?” p. 22
- Figura 4** – Desenho de Goku, 12 anos de idade, tema: “O que é ginástica para mim?” p. 24
- Figura 5** – Desenho de Star, 11 anos de idade, tema: “O que é ginástica para mim?” p. 24
- Figura 6** – Desenho de Joãozinho, 11 anos de idade, tema: “O que é ginástica para mim?” p. 25
- Figura 7** – Desenho de Pitomba, 11 anos de idade, tema: “O que é ginástica para mim?” p. 27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos desenhos por categorias temáticas e ano escolar	p. 19
--	-------

1. INTRODUÇÃO

A ginástica, como prática corporal organizada, remonta à Grécia Antiga, onde era cultivada nos ginásios como parte essencial da formação dos cidadãos, unindo saúde, disciplina e valores estéticos. Já na Roma Antiga, sua função foi ressignificada, perdendo a dimensão filosófica e tornando-se instrumento de preparo militar e entretenimento público, refletindo os valores do império. Com a queda do Império Romano e a ascensão da Idade Média, as práticas corporais foram reprimidas, sendo o corpo visto com desconfiança pela doutrina religiosa, o que levou ao declínio das atividades ginásticas (Machado; Lemos, 2019).

Consecutivamente, foi apenas no século XIX que a ginástica voltou a ganhar força, principalmente por meio dos sistemas ginásticos europeus, como o alemão de Jahn, o sueco de Ling e o francês de Amoros, que associavam a ginástica à formação cívica e moral (Barcelos, 2008). Esses métodos influenciaram diretamente a Educação Física moderna, contribuindo para sua inserção como disciplina nas escolas e consolidando a ideia da ginástica como ferramenta pedagógica (Furtado, 2022).

Com a fundação da Federação Internacional de Ginástica (FIG) em 1881 e a entrada da ginástica nos Jogos Olímpicos, a prática assumiu um novo papel: símbolo de performance atlética e representação nacional (Silva; Rios, 2018). A partir do século XX, surgiram novas formas de ginástica, como a localizada, a laboral e a de conscientização corporal, ampliando o conceito e o alcance da prática, especialmente no campo da saúde (Machado; Lemos, 2019).

Na atualidade, a ginástica deve ser vista não somente como prática esportiva, mas como expressão cultural e linguagem do corpo em diferentes contextos sociais. Sendo assim, a história da ginástica é marcada por transformações que acompanham os modos de pensar o corpo, revelando seu papel na formação humana e no campo da Educação Física (Freitas, 2021).

A Educação Física escolar resguarda um papel muito peculiar na formação dos estudantes, uma vez que não atua apenas na aquisição e/ou aprimoramento de habilidades motoras, mas também no (re) conhecimento do corpo em toda sua amplitude e complexidade (Furtado, 2022). Além disso, contribui na promoção de valores relacionados à saúde, à convivência social e ao bem-estar físico e mental (Machado; Lemos, 2019).

No contexto do Ensino Fundamental, as aulas de Educação Física oferecem um amplo repertório de práticas corporais, representado em seis unidades temáticas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo elas: brincadeiras e jogos, esportes, ginástica, danças, lutas e práticas corporais de aventura. A presença de tais práticas no documento está ancorada no conhecimento da cultura corporal de movimento, envolvidas por aspectos históricos sociais e culturais (Brasil, 2017).

Dentre as unidades temáticas presentes na BNCC, a ginástica se destaca por apresentar o movimento de uma forma diversificada, contemplando tanto aspectos relacionados às capacidades físicas (como força, resistência, flexibilidade e coordenação motora), como questões mais voltadas para a expressividade e plasticidade corporal. No entanto, apesar da presença em âmbito escolar, a Ginástica ainda sofre restrições em ser tematizada nas aulas de Educação Física escolar, por vários motivos, dentre os quais, a falta de infraestrutura e a visão reducionista de professores direcionada ao conteúdo (Freitas, 2021).

Na esteira dessa discussão, Silva; Rios (2018) aborda que a ginástica escolar não pode ser reduzida à repetição mecânica de exercícios nem ao culto ao corpo. Segundo eles, deve ser compreendida como uma manifestação da cultura corporal de movimento, que, ao ser ensinada, permite ao aluno compreender sua origem, seus sentidos sociais e suas possibilidades de prática no dia a dia.

Quando se aborda o cotidiano destaca-se o fato de que o movimento humano, em seu sentido social, pode se problematizado na Educação Física, contemplando discussões como: o respeito aos limites e às potencialidades dos alunos, evitando comparações ou padrões estéticos; a problematização crítica dos modelos corporais difundidos pela mídia e pelo mercado fitness; a valorização do corpo em movimento como instrumento de saúde, expressão e cidadania (Silva; Rios, 2018).

Posto isso, infere-se que ensinar ginástica é despertar sentidos, provocar reflexões e resgatar a corporeidade dos sujeitos (Freitas, 2021). Portanto, práticas que não contemplem a riqueza de possibilidades previstas no conteúdo, podem potencializar o distanciamento com os estudantes no chão da escola. Desta feita, recorrer ao ponto de vista dos(as) estudantes, antes mesmo de propor qualquer tipo de intervenção relacionada ao conteúdo pode ser uma estratégia para ajustar didático-pedagogicamente aulas mais alinhadas com as perspectivas desses sujeitos.

Assim, com base nas discussões pautadas até então, compôs-se as seguintes questões de pesquisa: Quais são as compreensões de ginástica de alunos(as) do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Comunitária do Anjo da Guarda, São Luís do Maranhão? Quais são suas percepções, concepções e/ou experiências a respeito da prática da ginástica no contexto escolar?

As perguntas norteadoras são propostas a partir de experiências ocorridas sobretudo, no contexto do Estágio Curricular Supervisionado II do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFMA, realizando no Ensino Fundamental anos finais (6º a 9º ano), na respectiva escola. A presente inquietação teve origem a partir de uma experiência pedagógica envolvendo a ginástica de condicionamento físico no contexto escolar. Durante o desenvolvimento desse conteúdo, observou-se certa resistência por parte dos discentes em relação às atividades propostas. Diante dessa percepção, optou-se por aprofundar a investigação acerca dessa rejeição, delineando uma proposta de intervenção composta por cinco aulas. Inicialmente, a primeira aula consistiria na produção de desenhos com base no tema “O que é ginástica para mim?”. Contudo, os resultados obtidos nessa etapa preliminar mostraram-se significativamente expressivos, o que motivou a reformulação da proposta inicial. Assim, decidiu-se por direcionar o foco investigativo para essa atividade específica, elegendo-a como principal objeto de estudo desta pesquisa. Ademais, a comunidade do Anjo da Guarda, está alocada na mesma Região do Campus Dom Delgado da Universidade.

Além disso, para a compreensão da perspectiva dos(as) estudantes serão consideradas as produções culturais dos mesmos, representados em desenhos temáticos e as narrativas que empreenderam por meio deles. Conforme Farias e Souza (2023), a partir dos desenhos o(a) pesquisador(a) promove uma mediação muito

sensível com os sujeitos em campo, além de terem acesso aos seus cotidianos, desvelando formas de interação, práticas corporais etc.

Assim, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliação de possibilidades de interpretação do conteúdo Ginástica no âmbito escolar, com vistas no planejamento de intervenções que contemplem as perspectivas dos sujeitos, prevendo suas afinidades, incompreensões e novas alternativas pedagógicas.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Analisar as representações de ginástica de escolares do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental, por meio da produção de desenhos temáticos, buscando compreender suas percepções, concepções e experiências a respeito da prática deste conteúdo no contexto escolar.

2.2 Específicos

- a) Mapear os elementos simbólicos da ginástica representados nos desenhos.
- b) Classificar os desenhos de acordo com aspectos como: objetos, espaços, pessoas, movimento corporal, dentre outros.
- c) Analisar a presença de possíveis influências do contexto escolar das representações apresentadas nas produções;

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Delineamentos históricos da Ginástica

A ginástica é uma das práticas corporais mais antigas que existem. Desde os tempos da antiguidade, o ser humano já usava o corpo para se expressar, se proteger e se desenvolver. No Egito e na China, por exemplo, já havia registros de movimentos

organizados com o corpo, que lembrava bastante o que chamamos hoje de ginástica. Só que naquela época, essas práticas tinham mais relação com rituais religiosos e treinamento militar (Furtado, 2022).

Já na Grécia Antiga, a ginástica ganhou mais importância. Ela era usada não só para manter o corpo saudável, mas também para preparar os jovens para os combates e para fortalecer o espírito. Os gregos acreditavam que um corpo bonito e bem treinado mostrava equilíbrio e sabedoria. Foi lá que começou a ideia de ginásio, que era um espaço para treinar o corpo e também aprender filosofia e arte (Machado; Lemos, 2019).

Depois disso, os romanos continuaram praticando atividades parecidas com a ginástica, mas com um foco maior no treinamento de soldados. Eles valorizavam muito a força e a disciplina. Mas com o passar do tempo, especialmente na Idade Média, a ginástica foi meio deixada de lado. (Koepsel; Sandra; Czernisz, 2020).

Foi só a partir do Renascimento, com a valorização do corpo humano e da ciência, que a ginástica voltou a ganhar espaço. Pensadores da época começaram a falar da importância de cuidar do corpo, não só da alma. Depois, no século XVIII e XIX, surgiram os primeiros métodos de ginástica mais organizados na Europa, como os métodos alemão, sueco e francês, cada um com suas características (Betti; Zuliani, 2002).

O método alemão, por exemplo, era mais rígido, cheio de regras e usava aparelhos pesados. Já o sueco era mais voltado para saúde e tinha movimentos mais livres. Esses métodos foram levados para vários países, inclusive para o Brasil, mais tarde. Eles serviram de base para Educação Física escolar em muitos lugares, com a ideia de formar corpos “disciplinados” e “úteis” para sociedade (Freitas, 2021).

Com o tempo, a ginástica foi se transformando. Além das práticas voltadas para o treinamento e para disciplina, começaram a surgir outras formas mais expressivas, artísticas e até recreativas. A ginástica começou a ser vista como algo que podia desenvolver o corpo, sim, mas também a criatividade, a coordenação e o prazer de se movimentar (Koepsel; Sandra; Czernisz, 2020), isso foi muito importante para ampliar a visão que se tinha da prática.

Hoje em dia, quando falamos de ginástica, não se está falando só de uma coisa. Tem a ginástica artística, rítmica, acrobática, de condicionamento físico, laboral, localizada. Enfim, muitas formas que surgiram com o tempo e que fazem parte da história dessa prática corporal tão antiga e tão atual ao mesmo tempo (Betti; Zuliani, 2002).

A história da ginástica mostra que ela sempre teve uma função social muito forte. Em diferentes épocas, ela serviu para educar o corpo de acordo com os valores de cada sociedade. Por isso, entender essa história ajuda-nos a refletir sobre como a ginástica é vista hoje e o que ela pode representar na escola, no esporte e na vida das pessoas (Machado; Lemos, 2019).

3.2 Apontamentos da Ginástica no Brasil

A ginástica chegou no Brasil trazida junto aos imigrantes europeus, principalmente os alemães, que vieram para o sul do país lá no século XIX. Eles trouxeram o método alemão de ginástica, que era bem rígido, com muitos aparelhos e uma ideia de formar cidadãos fortes e disciplinados. Esses imigrantes fundaram clubes e sociedades de ginástica, como os *Turnvereins*, que tinham aulas voltadas para os jovens da comunidade (Costa; Rauber, 2009).

Essas práticas não começaram dentro das escolas, mas sim nesses clubes. Só mais tarde é que a ginástica começou a entrar nas aulas da então chamada “instrução pública”. A partir da proclamação da República, em 1889, o governo começou a se preocupar mais com a educação, e aí a Educação Física passou a fazer parte da escola — e a ginástica entrou como o principal conteúdo (Machado; Lemos, 2019).

No começo do século XX, o modelo de ginástica ensinado nas escolas brasileiras era muito militarizado. Os alunos tinham que marchar, seguir ordens, fazer exercícios bem repetitivos. Era uma ginástica sem muito espaço para criatividade, porque a ideia era formar corpos obedientes e prontos para servir ao país (Machado; Lemos, 2019).

Com o tempo, outros métodos foram aparecendo por aqui, como o sueco, que era mais voltado para saúde e menos para rigidez. Ele foi adotado principalmente nas

escolas normais, que formavam professores. Mesmo assim, a ideia de ginástica como algo obrigatório e repetitivo continuava forte (Koepsel; Sandra; Czernisz, 2020).

Foi só a partir da década de 1980 que começou uma mudança mais significativa. Nessa época, os professores de Educação Física começaram a questionar os modelos antigos e passaram a buscar uma abordagem mais crítica e voltada para a cultura corporal de movimento. A ginástica começou a ser pensada de um jeito mais livre, mais ligado à expressão, à saúde e ao prazer de se movimentar (Machado; Lemos, 2019).

A Constituição de 1988 e a LDB de 1996 também ajudaram muito, porque trouxeram a ideia de educação como direito de todos e da Educação Física como parte importante da formação do aluno. Com isso, a ginástica passou a ser vista não mais como uma obrigação física, mas como uma prática que podia ensinar sobre o corpo, sobre si mesmo e sobre a sociedade (Machado; Lemos, 2019).

Hoje em dia, com a BNCC (2017), a ginástica aparece como uma das unidades temáticas da Educação Física, dividida em três tipos: ginástica geral, de conscientização corporal e de condicionamento físico. Isso mostra como o conteúdo evoluiu e ganhou espaço dentro da escola. Agora, o desafio é fazer com que isso seja realmente colocado em prática nas aulas (Costa; Gomes, 2019).

A história da ginástica no Brasil mostra como ela foi usada para muitos fins, desde a formação de soldados até promover saúde e expressão corporal. Entender essa trajetória ajuda a perceber o motivo pelo qual muitas pessoas ainda hoje entendem a ginástica de forma limitada. Cabe aos professores, com apoio das escolas e políticas públicas, mostrar tudo que essa prática pode oferecer (Furtado, 2022).

3.3 Sobre a Ginástica no Contexto Escolar

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a ginástica aparece como uma das unidades temáticas da Educação Física. Ela é dividida em três partes principais: ginástica geral, ginástica de conscientização corporal e ginástica de condicionamento físico. Cada uma tem sua particularidade de ser trabalhada na escola e ajuda o aluno a aprender sobre o corpo, sobre os movimentos e também sobre saúde (Costa; Rauber, 2009).

A ginástica geral, por exemplo, pode ser apresentada como uma prática mais livre, que mistura movimentos diferentes, muitas vezes até coreografados. Já a ginástica de conscientização corporal ajuda o aluno a entender melhor o seu próprio corpo, os limites dele e como se movimentar sem machucar. E a de condicionamento físico é aquela que trabalha resistência, força e flexibilidade (Koepsel; Sandra; Czernisz, 2020).

Só que na prática, nem sempre essas três formas de ginástica são trabalhadas nas aulas. Muitos professores acabam focando em esportes populares, tais como futebol e basquete, preterindo a ginástica. Um estudo feito por Farias; Souza (2023) evidenciou que os professores têm dificuldade de incluir todas essas práticas por falta de tempo, estrutura ou até por falta de formação adequada.

Outra problemática é o desinteresse dos alunos de maneira geral pela ginástica. Isto se deve, em boa medida, pelo fato dela ser repassada de forma muito repetitiva, sem criatividade. A aula se restringe a uma sequência de exercícios. De todo modo, segundo (Koepsel; Sandra; Czernisz, 2020), há possibilidade de ensinar ginástica de um jeito mais lúdico, com brincadeiras, desafios em grupo, trilhas de movimento e até jogos. Isso faz com que o(a) estudante participe mais e se divirta também.

No contexto da BNCC, a ginástica integra também a Unidade Temática "Esportes", classificada na categoria de esportes "Técnico-combinatório" e dialoga com outras práticas corporais. Seu trabalho na escola deve ir além da técnica, incentivando a criatividade, a cooperação e a consciência corporal. A BNCC propõe que os alunos vivenciem diferentes modalidades (artística, rítmica, acrobática, entre outras), explorando movimentos, ritmos e composições coletivas. O objetivo é que os estudantes não apenas reproduzam gestos, mas compreendam a ginástica como linguagem expressiva e parte da cultura de movimento.

A ginástica de conscientização corporal, conforme proposto pela BNCC, vai além do condicionamento físico, priorizando a conexão mente-corpo e o autoconhecimento. Modalidades como yoga, eutonia, antiginástica e técnicas de relaxamento são fundamentais para trabalhar a percepção sensorial, a autoimagem e a gestão do estresse em crianças e adolescentes. Estudos como os de Costa e Gomes (2020) destacam que essas práticas contribuem para a redução da ansiedade escolar e o

desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

A abordagem humanizada dessa vertente permite que os alunos reconheçam suas limitações e potencialidades sem julgamentos, promovendo uma educação física mais inclusiva. Segundo Silva e Rios (2018), escolas que incorporam essas metodologias observam melhora na concentração, autoestima e cooperação entre os estudantes, rompendo com modelos tradicionalmente competitivos.

Portanto, a ginástica no contexto escolar é uma das práticas corporais mais importantes que o aluno pode conhecer e praticar. Todavia, muitos ainda consideram que a ginástica reduz-se a movimentos popularizados no cotidiano, tais como abdominais e/ou flexões de braço. Por outro lado, a BNCC expõe que a ginástica é bem mais que isso. Ela pode ser vivida de várias formas ampliando o repertório de movimentos dos alunos (Brasil, 2017).

Além disso, a ginástica ajuda os(as) estudantes a desenvolver autonomia. A BNCC aborda que o estudante precisa ser protagonista da própria aprendizagem, ou seja, participar ativamente. Quando o aluno entende por que está realizando um movimento e percebe o que aquilo melhora em seu corpo, ele passa a valorizar mais aquela prática (Brasil, 2017).

Nesse bojo, Costa e Rauber (2009) defendem que o ensino da ginástica na escola pode ser um espaço para discussão de vários temas, como o corpo na sociedade, a pressão estética, a saúde e até o sedentarismo. A aula de ginástica pode ser mais que só movimento, pode ser um momento de reflexão e construção de conhecimento, especialmente com os adolescentes.

Outro aspecto interessante é que a ginástica também pode se relacionar com outras matérias, como por exemplo, um cálculo de batimento cardíaco nas aulas de matemática; o estudo do sistema muscular nas aulas de ciências; ou até uma pesquisa sobre a história da ginástica na aula de história. Isso tudo torna o aprendizado mais completo e conectado com o dia a dia do aluno (Costa; Gomes, 2020).

Todavia, se faz mister lembrar que a escola precisa oferecer espaço e material para que tais propostas sejam levadas a efeito. Às vezes o professor tem o intuito de trabalhar a ginástica, mas a falta de materiais e de estrutura o desmotivam. Segundo

Barcelos (2008), essa falta de estrutura ainda é uma realidade em muitas escolas públicas do Brasil, o que acaba limitando o trabalho do professor.

Por fim, a literatura da área aponta que a ginástica no contexto escolar precisa ser valorizada como uma prática rica e educativa. Nesse sentido, a BNCC reforça essa importância. Cabe agora à escola, aos professores e até aos alunos entender que a ginástica pode ser uma grande aliada na formação integral do estudante (Koepsel; Sandra; Czernisz, 2020).

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa dispõe de uma abordagem qualitativa e de natureza exploratória, cujo propósito foi compreender as representações que estudantes do Ensino Fundamental atribuem à ginástica, a partir de suas próprias expressões simbólicas. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa parte dos significados construídos socialmente, sendo que o(a) pesquisador(a) precisa atentar-se aos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Ademais, o estudo foi realizado em campo, no ambiente escolar, permitindo a imersão no cotidiano investigado e a aproximação com as práticas, vivências e discursos dos estudantes.

O cenário da pesquisa foi uma escola comunitária situada no bairro do Anjo da Guarda, localizado na Região do Itaqui-Bacanga, em São Luís, Maranhão. Trata-se de uma região marcada por desigualdades socioeconômicas, mas também por forte organização comunitária e presença ativa de iniciativas educacionais. A escolha desse contexto não foi aleatória, mas esteve vinculada ao Estágio Curricular Supervisionado II do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o que proporcionou uma vivência mais profunda e comprometida com os sujeitos e os desafios do território.

Participaram da pesquisa 35 estudantes de 9 a 12 anos de idade, matriculados no 5º e 6º ano do Ensino Fundamental. Como instrumento metodológico central, foram utilizados desenhos temáticos, produzidos a partir da questão provocadora: “O que é ginástica para mim?”. Essa atividade foi acompanhada de um momento de explanação, no qual os(as) estudantes puderam narrar ou descrever oralmente ou por escrito o

significado dos elementos representados. Os desenhos, nesse contexto, foram compreendidos como uma importante forma de expressão das culturas infanto-juvenis (Gobbi, 2002). As produções permitiram acessar dimensões subjetivas, afetivas e culturais frequentemente invisibilizadas por instrumentos mais tradicionais de pesquisa.

A pesquisa foi conduzida no período compreendido entre os meses de maio e julho, sendo que, entre maio e junho, desenvolveu-se uma etapa preliminar de caráter exploratório. Nesse momento inicial, estabeleceram-se diálogos com a equipe gestora da instituição escolar, a fim de discutir os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos a serem empregados, a delimitação do tema, a definição das turmas participantes, bem como realizar o acompanhamento das aulas de Educação Física. Adicionalmente, observou-se a rotina escolar dos discentes pertencentes às turmas pré-selecionadas, o que possibilitou identificar que as turmas do 5º e 6º anos estavam alocadas nos horários finais do turno matutino, compreendendo o intervalo entre 10h40 e 11h25, com duração de 45 minutos por aula, sendo o 5º ano atendido às quintas-feiras e o 6º ano às sextas-feiras. Durante esse período, também foram realizadas conversas preliminares com o professor responsável pelas aulas de Educação Física na escola, com vistas ao alinhamento dos procedimentos a serem desenvolvidos.

Finalizada a etapa de ambientação, deu-se início à seleção das turmas participantes. De modo preliminar, foram selecionadas três turmas, correspondentes ao 5º, 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Contudo, após a análise das 35 amostras obtidas junto aos estudantes do 5º e 6º anos, em conjunto com o professor orientador da pesquisa, concluiu-se que o volume e a qualidade dos dados coletados se mostraram suficientes para os objetivos do estudo. Diante disso, optou-se por não realizar coletas com a turma do 7º ano e avançar para a segunda etapa da pesquisa, dedicada à análise dos materiais obtidos.

As coletas de dados foram realizadas ao longo de quatro encontros, dois em cada turma, utilizando-se o mesmo protocolo metodológico. No primeiro encontro, inicialmente, foi realizada uma breve apresentação do pesquisador e da proposta da pesquisa aos alunos. Para promover uma aproximação com os discentes, foram feitas perguntas como: “Vocês sabem o que é pesquisa?”, “Quem aqui já fez algum tipo de

pesquisa?” e “Vocês sabem o que é ginástica?”. Essa etapa teve duração aproximada de dez minutos.

Em seguida, no segundo momento da aula, foram distribuídas folhas de papel A4, caixas de lápis de cor e apontadores para os estudantes que não dispunham do material. Procedeu-se à explicação da tarefa a ser realizada, registrando-se no quadro a temática orientadora da atividade: “O que é ginástica para mim?”. Essa fase demandou aproximadamente cinco minutos.

O terceiro momento consistiu na realização da atividade proposta, na qual os alunos, após as instruções e esclarecimentos necessários, iniciaram a produção de seus desenhos. Foi estipulado o tempo de 20 minutos para a execução da tarefa.

Por fim, no quarto momento, recolheram-se os desenhos produzidos, realizou-se o encerramento da atividade, agradecendo-se a participação de todos os envolvidos, e foi deixada uma tarefa que serviria de base para o segundo encontro. Nessa ocasião, foi feita a seguinte pergunta aos alunos: “Qual foi sua principal inspiração na produção do desenho?”.

No segundo encontro, o professor regente da disciplina deu continuidade às suas atividades regulares, conforme previsto, e previamente acordou-se que alguns alunos, cujos desenhos haviam sido selecionados, seriam liberados para participar de uma conversa fora da sala de aula. O objetivo era que esses discentes respondessem à questão deixada no encontro anterior e pudessem comentar com maior profundidade sobre os significados atribuídos às suas produções. Para essa etapa, foi estabelecido o tempo máximo de cinco minutos por aluno, sendo selecionados oito estudantes do 5º ano e dez do 6º ano, totalizando quarenta e cinco minutos por turma.

Assim, o uso dos desenhos, aliado às narrativas, permitiu uma mediação sensível entre pesquisador e sujeitos, ao possibilitar o acesso a aspectos do cotidiano, às experiências corporais e as percepções dos(as) participantes (Farias; Souza, 2023).

A análise dos dados foi orientada pela técnica de triangulação metodológica (Minayo, 1994), que envolveu três eixos fundamentais: a) os sentidos expressos pelos sujeitos nas produções; b) o olhar do(a) pesquisador(a), situado e reflexivo; c) os aportes da literatura científica sobre ginástica escolar, cultura corporal de movimento e infância. Inicialmente, os desenhos foram classificados e descritos com base em

categorias como: objetos representados, tipos de movimento corporal, número e perfil dos personagens, espaços sugeridos, expressões faciais e contextos de realização da ginástica. Em seguida, buscou-se analisar as influências do contexto escolar e sociocultural nas representações, considerando possíveis estereótipos, omissões, ressignificações e aproximações com o conteúdo tal como abordado nas aulas.

Esta estratégia visou não apenas descrever os desenhos, mas compreender os sentidos atribuídos à ginástica pelos estudantes, suas compreensões, aproximações ou distanciamentos com o conteúdo. Portanto, a metodologia adotada buscou articular teoria e prática, escuta sensível e rigor analítico, no intuito de contribuir para a ampliação das formas de compreender a presença (ou ausência) da ginástica no cotidiano escolar, a partir do ponto de vista dos sujeitos que vivenciam esse processo.

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa seguiu os princípios da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Os responsáveis legais pelos(as) estudantes participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e os(as) estudantes, por sua vez, assinaram o Termo de Assentimento, assegurando sua participação voluntária e o direito à desistência a qualquer momento. A identidade dos sujeitos foi preservada, utilizando-se codinomes atribuídos por eles mesmos durante a pesquisa.

Com isso, a metodologia adotada buscou não apenas levantar dados, mas construir um processo dialógico, sensível e eticamente responsável, em que os(as) estudantes pudessem expressar suas compreensões sobre a ginástica e contribuir com reflexões importantes para a prática docente no contexto escolar.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de compreender as representações de ginástica entre estudantes do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental, a proposta metodológica partiu da provocação temática “O que é ginástica para mim?”. A partir desse questionamento, foram produzidos 35 desenhos acompanhados de breves narrativas orais e escritas, os quais expressam os significados atribuídos pelos(as) estudantes à prática da ginástica.

Em suma, os desenhos revelaram múltiplas compreensões, influenciadas por fatores escolares, culturais e midiáticos, bem como pelas vivências corporais prévias dos sujeitos.

Com base na análise qualitativa das imagens e narrativas, e considerando a triangulação entre os sentidos expressos pelos estudantes, os aportes teóricos e o olhar do pesquisador, as produções foram agrupadas em cinco categorias principais: a) ginástica no contexto olímpico; b) ginástica e o movimento livre; c) ginástica associada a outras unidades temáticas da Educação Física; d) ginástica de condicionamento físico, e; e) outros (desenhos aleatórios ou que não apresentaram relação direta com o tema proposto).

A tabela a seguir apresenta a distribuição dos desenhos por categoria e ano escolar, permitindo uma visualização geral dos padrões de representação entre os grupos de alunos participantes da pesquisa:

Quadro 1 – Distribuição dos desenhos por categorias temáticas e ano escolar

CATEGORIA	5º ANO	6º ANO	TOTAL
a) Ginástica no contexto olímpico	7	14	21
b) Ginástica e o movimento livre	2	2	4
c) Ginástica e outras unidades temáticas da Educação Física	2	2	4
d) Ginástica de condicionamento físico	0	3	3
e) Outros (aleatórios ou não relacionados diretamente à ginástica)	2	1	3

Fonte: a autoria.

Para uma melhor compreensão dos dados faremos uma caracterização detalhada das categorias presentes no estudo, exemplificando com alguns dos desenhos.

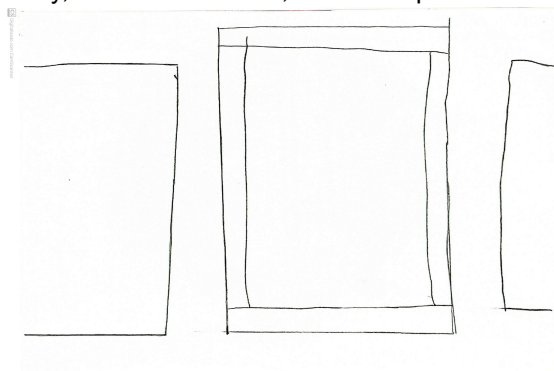
5.1 Ginástica no contexto olímpico

Analisando sob uma perspectiva geral percebemos que as representações de ginástica entre os estudantes estão fortemente associadas a imagens socialmente construídas e difundidas pelas mídias. A predominância da categoria “ginástica no contexto olímpico”, que reúne vinte e um dos trinta e cinco desenhos analisados (60%),

indica que o imaginário das crianças está majoritariamente vinculado ao alto rendimento, à estética da performance e à espetacularização do movimento, sobretudo, no contexto dos Jogos Olímpicos. Essa observação dialoga com as análises de Betti (2001; 1998), que destaca o papel da mídia na construção de um ideário hegemônico de esporte, centrado em padrões corporais e performances técnicas.

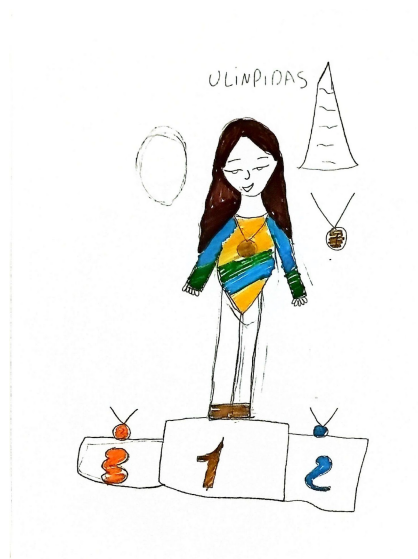
Por outro lado, há de se considerar o fato de que o imaginário infanto-juvenil também se desvela nas produções, incorporando pontos de vista particulares dos(as) próprios estudantes(as), construídos nas suas experiências cotidianas. A título de exemplo Luffy, a autoria do desenho da Figura 1, descreveu o elemento principal de seu desenho como *“aquele negócio quadrado que a menina fica dentro... não sei o nome[...] aquele que tem nas Olimpíadas, que toca uma música e ela dá tipo uns mortal”*. Enquanto Rebeca, autora do desenho retratado na Figura 2, ao ser questionada sobre a principal inspiração para a sua produção, respondeu prontamente que se inspirou na atleta Rebeca Andrade, destacando que a conheceu durante as Olimpíadas, tendo assistido junto de seus familiares. Conforme a autora da Figura 2, a seguir: *“Foi muito lindo que ela ganhou a medalha de ouro, eu achei muito legal nesse dia, tio”*.

Figura 1. Desenho de Luffy, 10 anos de idade, tema: “O que é Ginástica para mim?”



Fonte: a autoria.

Figura 2. Desenho de Rebeca, 11 anos de idade, tema: “O que é Ginástica para mim?”



Fonte: a autoria.

Notamos que a grande maioria dos(as) estudantes, incluindo, os dos desenhos apresentados, enfatizaram em suas produções e falas a presença de elementos como: pódios, medalhas, contagem de pontuação, aparelhos ginásticos (como por exemplo, barras paralelas, assimétricas, traves de equilíbrio, argolas, mesas de salto, cavalo etc.), além de atletas e/ou personalidades associadas às ginásticas competitivas.

Segundo Betti (2001), a mídia opera como um importante agente pedagógico informal, moldando o olhar dos estudantes sobre algumas práticas corporais, em detrimento de outras manifestações. Essa influência midiática parece ser mais intensa no 6º ano, onde se concentram dois terços das representações dessa categoria, o que pode ser interpretado como resultado de um processo de intensificação das referências externas à medida que os estudantes avançam na escolarização e ampliam seu contato com mídias especializadas.

5.2 Ginástica e o movimento livre

No que se diz respeito à categoria “ginástica e o movimento livre”, presente em apenas quatro dos trinta e cinco desenhos analisados (11,4%), são apresentadas percepções aparentemente menos “institucionalizadas” de ginástica, em que o corpo é exposto de forma mais “livre”, para criar e experimentar movimentos fora dos padrões

técnicos-esportivos convencionais. Ou seja, tal categoria aponta para vivências mais espontâneas de ginástica, em que as regras e as competições abrem espaço para a expressividade e à ludicidade. Tomando como referência Soares *et al.* (1992), essa compreensão se aproxima do conceito de ginástica geral, que valoriza manifestações corporais amplas e acessíveis, promovendo o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Ao observar os desenhos da respectiva categoria, podemos perceber a predominância de representações de movimentos oriundos da ginástica em espaços não desportivos. Como exemplo, na figura 3 é apresentada a produção da autora Gisseli (10 anos), que segundo a mesma: *“Sou eu de ponta-cabeça e de calça azul, tênis preto, camisa vermelha [...] estou fazendo uma ‘estrelinha’ [...] estou livre e fazendo minha ginástica de boa.”* Todo o cenário do desenho, o fundo azul, o céu, a parte inferior da imagem em tom de verde e com traços irregulares (que parecem uma grama), aparentemente, foge de uma ideia de espaço destinado para a prática esportivizada da ginástica, habitualmente realizada em ginásios.

Figura 3. Desenho de Gisseli, 10 anos de idade, tema: “O que é Ginástica para mim?”



Fonte: a autoria.

As compreensões apresentadas pelas crianças estão alinhadas a perspectivas de Educação Física que valorizam o corpo como meio de expressão e experimentação, prestigiando o “Se-movimentar” (Kunz, 2005). Nesse bojo, podemos refletir que, mesmo diante de um currículo muitas vezes normativo, algumas crianças e jovens

conseguem construir leituras mais amplas e flexíveis de ginástica. Tais leituras reforçam que a ginástica pode ser vivida como movimento livre e expressivo, e não apenas como sequência técnica contribuindo para uma proposta de Educação Física mais sensível às narrativas dos sujeitos.

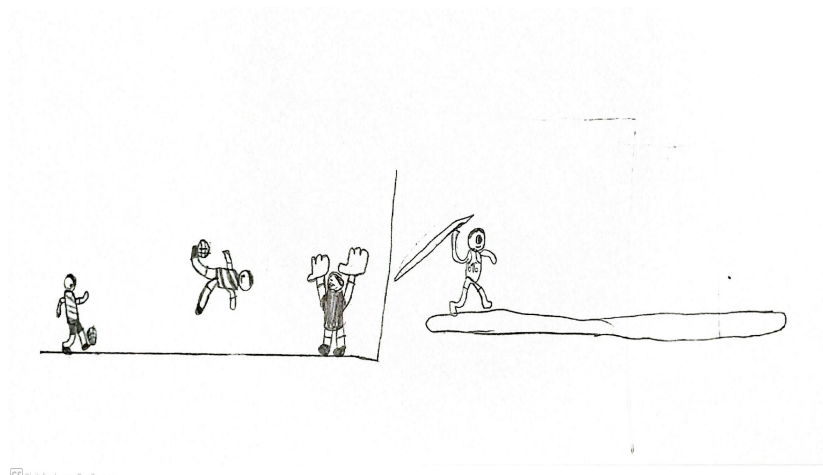
5.3 Ginástica e outras unidades temáticas da Educação Física

Com quatro desenhos (11,4%) esta categoria evidencia a compreensão de que a ginástica pode estar articulada a outras práticas corporais. A BNCC, documento normativo que orienta a organização curricular da educação básica no Brasil, estabelece seis unidades temáticas para o componente curricular de Educação Física. Sendo elas: Brincadeiras e Jogos, Danças, Lutas, Esportes, Ginásticas e Práticas Corporais de Aventura (Brasil, 2017).

Dentre as produções podemos perceber a abordagem de conteúdos que constam na BNCC mas que não eram o foco principal da pesquisa, proporcionando a criação de uma categoria específica de classificação. Na figura 4, por exemplo, identificamos a presença de elementos que remetem às modalidades de futebol e atletismo, componentes da unidade temática Esportes. Já na figura 5, a princípio, pode aludir a elementos da Ginástica Rítmica, entretanto Star, a autora, ao ser questionada sobre as influências para sua produção, respondeu: “[...] eu fiz meus colegas jogando queimada, porque eu amo muito e isso pra mim é um jeito de fazer ginástica”. O queimado está elencado na unidade temática Brincadeiras e Jogos.

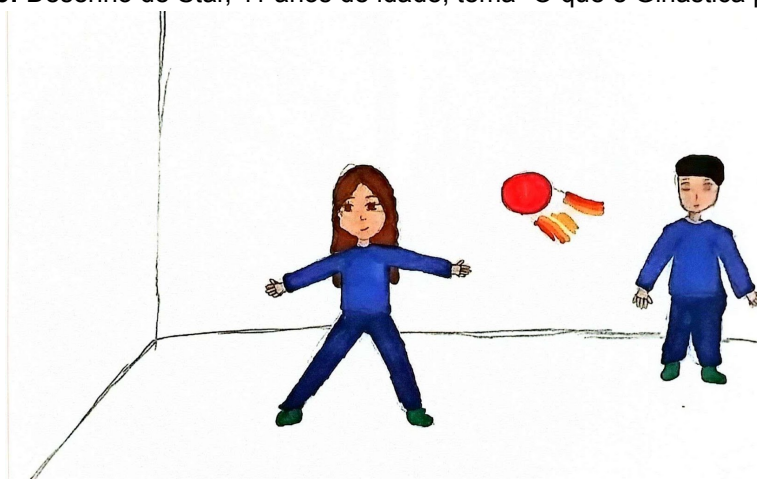
Esse tipo de associação revela como, para as crianças, os limites entre as práticas corporais não são necessariamente fixos ou compartimentados. Ao contrário, há uma tendência de associação entre conteúdos vivenciados nas aulas, o que repercute em representações mais integradas, sem limites estipulados. Essa compreensão, por um lado, pode ser vista como positiva, pois reflete um olhar mais vivencial e menos técnico por parte dos estudantes. Por outro lado, sinaliza a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a interdisciplinaridade entre os componentes da Educação Física, sem perder de vista as especificidades.

Figura 4. Desenho de Goku, 12 anos de idade, tema: “O que é Ginástica pra mim”



Fonte: a autoria.

Figura 5: Desenho de Star, 11 anos de idade, tema “O que é Ginástica para mim?”



Fonte: a autoria.

Analisando criticamente, a percepção expressa nos desenhos pode decorrer das experiências ocorridas na rotina das aulas de Educação Física, nas quais os conteúdos se apresentam muitas vezes de forma integrada, sem delimitação clara entre as unidades temáticas (Heinen *et al.*, 2024). Assim, a ginástica passa a ser percebida como elemento complementar de outras atividades.

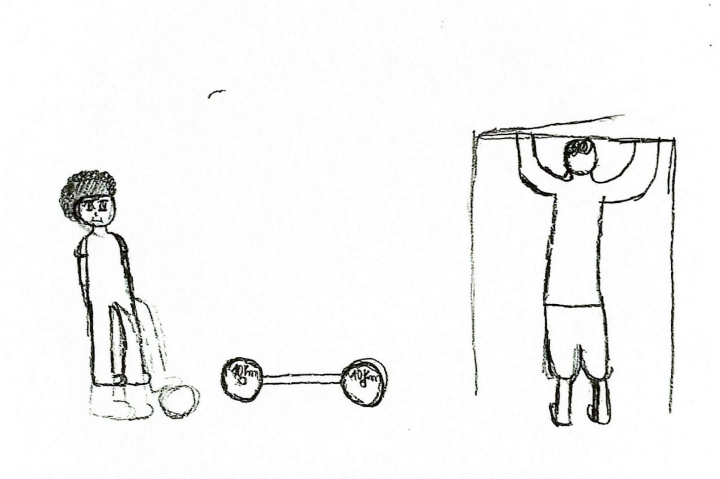
Para além disso, embora haja indicativos de uma confusão conceitual nas produções, tais impressões podem abrir espaço para conexões interdisciplinares ou até mesmo a integração de conteúdos como recurso pedagógico. Para que isso ocorra, o trabalho de conceitos específicos, de cada conteúdo, acaba por ser indispensável para uma aprendizagem de fato significativa (Darido; Rangel, 2005).

5.4 Ginástica de condicionamento físico

Apenas três desenhos (8,6%) retrataram esta categoria, sendo que todos foram provenientes do 6º ano. Tais dados sugerem que alguns estudantes associam a ginástica a práticas voltadas ao condicionamento físico (como alongamentos, flexões, abdominais e outras atividades físicas sistematizadas). Essas representações propostas remetem a uma visão de ginástica relacionada à aptidão física, reforçando uma perspectiva biologicista da Educação Física escolar (Santos *et al.*, 2019).

Como exemplo, recorremos à produção de Joãozinho. Segundo o garoto: *“Ginástica pra mim é ir pra academia levantar uns pesos que é bom pra relaxar o corpo[...].”* Ao ser perguntado sobre sua inspiração para a composição do desenho, o garoto respondeu de forma bem objetiva *“Me inspirei no meu tio que vai pra academia treinar pra ficar forte”*.

Figura 6. Desenho de Joãozinho, 11 anos de idade, tema: “O que é Ginástica para mim?”



Fonte: a autoria.

O desenho e relato de Joãozinho, retratam uma ginástica composta por atividades sistemáticas, com movimentos repetitivos e organizados com o objetivo de desenvolver a aptidão física dos praticantes. Segundo Heinen *et al.* (2024), essa perspectiva mais focada na funcionalidade do corpo reforça padrões e estereótipos. Todavia, por mais esse entendimento, em tese, limite a complexidade cultural da

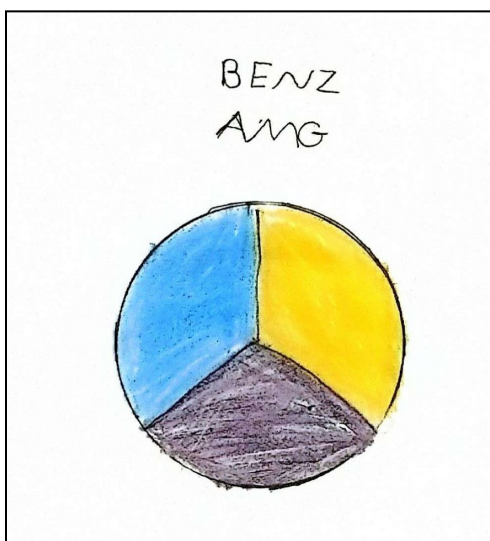
ginástica, pode refletir experiências reais vividas pelas crianças e jovens, sobretudo em contextos escolares onde a prática corporal está intimamente relacionada com aspectos do cotidiano.

5.5 Outros (aleatórios ou não relacionados diretamente à ginástica)

Na presente categoria, três desenhos (8,6%) foram classificados. Nesse contexto, foram apresentadas produções desvinculadas ou com pouca clareza sobre o conteúdo proposto, não demonstrando relações explícitas com a ginástica. Essa ausência pode indicar que os estudantes não conseguiram estabelecer uma imagem concreta sobre o tema, seja pela falta de vivência prática ou pela dificuldade em compreender o que caracteriza tal prática.

Como forma de exemplo, o garoto intitulado Pitomba justificou sua produção da seguinte forma: *“eu tava sem ideia [...] desde pequeno eu sempre gostei de carros, mas eu não gosto da Mercedes, eu gosto das BMW antigas do ano de 1992 à 1993 as M3”*. Analisando o desenho e o relato de Pitomba, inferimos que sua produção expressava um gosto pessoal e que nada tinha a ver com o tema proposto, outras produções também foram apresentadas da mesma forma e, obedecendo os critérios propostos anteriormente, também foram incluídas nesta categoria.

Figura 7: Desenho de Pitomba, 11 anos de idade, tema: “O que é Ginástica para mim?”



Fonte: a autoria.

Produções como a de Pitomba, podem apontar lacunas na formação dos estudantes na escola, que descortinam, em alguma medida, fragilidades na formação docente em relação à ginástica. Tal fato, repercute diretamente na forma como esse conteúdo é explorado nas aulas (Heinen *et al.*, 2024). Para além disso, podemos intuir, com base nas produções e interações com os estudantes, que estes tendem a produzir representações genéricas ou equivocadas, quando as experiências corporais não são mediadas por objetivos pedagógicos claros, revelando um distanciamento entre currículo e prática.

No que se diz respeito a uma análise geral dos desenhos, acabamos por promover muitas reflexões acerca das diversas formas de enxergar e representar a ginástica de acordo com diversas perspectivas. Nesse ínterim, o poder da mídia ficou evidente na proporção de ilustrações representando elementos associados aos jogos olímpicos, levando em consideração que tivemos uma edição dos jogos (Paris 2024) realizada e amplamente divulgada recentemente. Tal fato fica evidente na fala de boa parte dos sujeitos, tais como: *“Fiz esse desenho porque a brasileira Rebeca Andrade ganhou a medalha de ouro.”* (CR7); *“[...] eu sempre vejo ginástica nas redes sociais e acho muito interessante.”* (Rayssa Leal); *“Às vezes eu me imagino a Rebeca Andrade, dando piruetas, cambalhotas e dançando pra ganhar medalha de ouro”* (Rebeca).

Com base na análise comparativa entre os dados desta pesquisa e os achados de Fogaça *et al.* (2018), é possível afirmar que as representações infantis sobre a ginástica continuam concentradas em elementos das modalidades competitivas e midiáticas, como o uso de vestimentas típicas (collants), a execução de movimentos de flexibilidade (como abertura de pernas) e a valorização da parada de mãos. Esse padrão também foi identificado nos desenhos desta pesquisa, especialmente na categoria “Ginástica no contexto olímpico”, que concentrou 60% das produções. Assim como na pesquisa desenvolvida com crianças do projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, as imagens analisadas neste trabalho também revelam uma compreensão restrita e influenciada por estereótipos da ginástica de alto rendimento, com menor ênfase na diversidade de práticas e sentidos possíveis.

Por outro lado, tanto nesta pesquisa quanto na de Fogaça *et al.* (2018), nota-se que, mesmo com um repertório limitado, os desenhos infantis expressam sentimentos positivos relacionados à prática da ginástica, como alegria, prazer e envolvimento coletivo. Isso é especialmente perceptível na categoria “Ginástica e o movimento livre”, na qual os estudantes demonstraram maior espontaneidade e liberdade expressiva, embora essa categoria tenha representado apenas 11,4% do total. As representações de crianças acompanhadas por colegas ou em ambientes abertos, por exemplo, dialogam com os princípios da Ginástica Para Todos (GPT), que valoriza a inclusão, a cooperação e a diversidade de corpos e movimentos. Esses dados reforçam a relevância de ampliar o acesso às múltiplas possibilidades gímnicas no contexto escolar, superando modelos restritivos e promovendo vivências significativas que respeitem as dimensões afetivas, sociais e culturais do universo infantil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as representações da ginástica entre estudantes do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental, por meio da produção de desenhos e das respectivas narrativas. Desenvolvida em uma escola comunitária da região Itaqui-Bacanga, em São Luís do Maranhão, no contexto de um Estágio Curricular Supervisionado, a investigação permitiu acessar os sentidos atribuídos pelas crianças e jovens à prática gímica a partir de suas vivências escolares e referências socioculturais.

A análise dos dados revelou que a maioria dos estudantes associa a ginástica ao universo olímpico e competitivo, representando-a com trajes específicos, movimentos técnicos e elementos vinculados ao desempenho e à performance. Essa predominância indica a força das imagens midiáticas e das competições esportivas na construção do imaginário infantil. No entanto, também foram observadas outras formas de representação, como o movimento livre, o condicionamento físico e a associação da ginástica a outras atividades corporais, o que aponta para uma diversidade de compreensões, ainda que em menor escala.

As representações identificadas demonstram que, embora o entendimento da ginástica esteja muitas vezes limitado ao seu aspecto técnico e estético, há também expressões de criatividade, ludicidade e prazer envolvidas nas produções dos estudantes. Os desenhos que retrataram colegas, expressões de alegria e cenas de cooperação reforçam a ideia de que as crianças se sentem pertencentes ao universo da prática corporal quando as experiências são acolhedoras e inclusivas.

Esses achados valorizam a importância de ampliar o acesso às diferentes possibilidades de vivência da ginástica no ambiente escolar. A diversidade de práticas, movimentos, materiais e contextos precisa ser explorada para que os estudantes desenvolvam uma visão mais ampla e significativa sobre essa temática. A ginástica escolar deve ultrapassar o modelo exclusivamente técnico, promovendo o envolvimento dos alunos com atividades que contemplem a expressividade, a criação e a ampla experimentação.

Além disso, o uso de desenhos como ferramenta metodológica mostrou-se extremamente eficaz, possibilitando que as vozes infantojuvenis fossem escutadas e consideradas na construção do conhecimento. O recurso visual, combinado às narrativas, proporcionou uma leitura sensível das percepções dos alunos, tornando visível aquilo que muitas vezes não é dito em palavras.

Com base nas reflexões construídas, concluímos que o ensino da ginástica na escola precisa ser repensado, tornando-se mais acessível, inclusivo e conectado com o cotidiano dos estudantes. Por fim, entendemos que novas pesquisas podem aprofundar essa temática com diferentes faixas etárias e realidades escolares, de modo a contribuir com a construção de propostas pedagógicas mais alinhadas com as necessidades e interesses das crianças e jovens no contexto da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, V. R. **Necessidades de formação dos professores de Educação Física do Ensino Fundamental relacionadas à ginástica como conteúdo escolar.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2008.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas: Papirus, 1998.

BETTI, M. **Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar?** Motriz (Rio Claro), Rio Claro, v. 7, n. 2, p. 125-129, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Portugal: Ed. Portugal, 1994.

BRANDL NETO, I; SILVA, S. A. P. dos S. **Educação Física escolar e cooperação.** Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2015.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
 COSTA, A. R.; GOMES, C. P. **Ginástica geral na BNCC: percepção de alunos de licenciatura em educação física.** Corpoconsciência, Cuiabá, p. 142-152, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/9903>. Acesso em: 26 jun. 2025.

COSTA, E. de B. O.; RAUBER, P. **História da educação: surgimento e tendências atuais da universidade no Brasil.** Revista Jurídica UNIGRAN, Dourados, v. 11, n. 21, p. 241-253, jan./jun. 2009. Disponível em: https://www.unigran.br/revista_juridica/ed_anteriores/21/artigos/artigos15.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

CUNHA, L. **Os espaços do desporto.** Lisboa: Almedina, 2007.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FARIAS, M. J. A.; SOUZA, A. L. **Desenhando experiências com o brincar: narrativas autobiográficas de professores de Educação Física em formação inicial.** Horizontes, Itatiba, v. 41, n. 1, e023022, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v41i1.1545>. Acesso em: 29 jun. 2025.

FOGAÇA, C. B. et al. **As representações gímnicas infantis: uma análise de desenhos.** In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9., 2018, Campinas. Anais [...]. Campinas: UNICAMP, 2018. Disponível em:

<https://www.forumgpt.com/2024/arquivos/anais/09-forum-internacional-de-gpt-2018.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.

FREITAS, S. R. C. **O processo de ensino e aprendizagem: a importância da didática**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA (FIPED), 8., 2021, São Luís. Anais [...]. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2021. (Sem link disponível. Se tiver, posso inserir.)

FURTADO, A. F. D. P.; et al. **Inserção das ginásticas de conscientização corporal na escola**. Revista Mundo Acadêmico, v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.uniesp.edu.br/index.php/15/article/view/62>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GOBBI, M. **Desenho infantil e oralidade**. In: FARIA, A. L. G. et al. (orgs.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 69-92.

HEINEN, E. H.; OLIVEIRA, L. M. de; BOAVENTURA, P. L. B.; PIZANI, J. **Experiência, formação e atuação docente: representações da ginástica ao longo da vida de professores de Educação Física escolar**. Práxis Educativa, v. 19, p. 1–15, 2024. DOI: <10.5212/PraxEduc.v.19.22847.019>.

KOEPSEL, E. C. N.; SANDRA, R. D. O.; CZERNISZ, E. C. D. S. **A tríade da reforma do ensino médio brasileiro: Lei nº 13.415/2017, BNCC e DCNEM**. Educação em Revista, v. 36, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/WzZ7F8ztWTshJbyS9gFdddn/?format=pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

KUNZ, E. Se-movimentar. In: GONZÁLES, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MACHADO, J. M. A.; LEMOS, C. A. F. **Ginástica de condicionamento físico na educação física escolar**. Santo Ângelo: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Departamento de Ciências da Saúde, Curso de Educação Física, 2019. p. 36.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, E. J. **A ginástica na educação física escolar: a experiência docente com crianças do ensino fundamental**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 6., 2019, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/58387>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SILVA, F. O.; RIOS, J. A. V. P. **Narrativas de si na iniciação à docência: o PIBID como espaço e tempo formativos.** Educação & Formação, Fortaleza, v. 3, n. 8, p. 57-74, 2018.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.